

Do estigma à inclusão: a representação do Transtorno do Espectro Autista nas narrativas seriadas¹

Adriana da Rosa Santos²
Raquel Marques Carriço Ferreira³
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo

O artigo analisa personagens autistas das séries *Eu Sou Autista* (2019), *Uma Advogada Extraordinária* (2022) e *Atypical* (2017), com base nos critérios diagnósticos do DSM-5. A discussão é fundamentada nos estudos de Goffman e Oliver, com o intuito de investigar se as representações construídas nas narrativas audiovisuais desafiam estigmas sociais e promovem uma visão mais humana e inclusiva do Transtorno do Espectro Autista (TEA). O principal objetivo da pesquisa foi compreender até que ponto essas produções contribuem para uma representação humanizada e não estigmatizante do TEA. A metodologia adotada consistiu em uma análise de conteúdo, a partir da observação sistemática de cenas protagonizadas pelos personagens principais de cada série. Para isso, foram definidas categorias analíticas organizadas em três eixos principais: interação social, comunicação e comportamento, conforme os parâmetros do DSM-5. A análise foi enriquecida com dados quantitativos descritivos, que indicam a frequência e o percentual das ocorrências em cada categoria, possibilitando uma compreensão mais ampla dos padrões identificados nas três séries. A triangulação teórica com autores clássicos foi também fundamental para a interpretação crítica dos resultados obtidos. Os resultados indicam que os três personagens analisados estabelecem vínculos afetivos, desafiando o estereótipo recorrente do autista isolado. Woo é retratada como uma jovem marcada pela genialidade; Sam, por sua vez, busca autonomia com uma rede apoio; já Autis interage de maneira lúdica e espontânea. No que se refere à comunicação, Sam e Woo falam com clareza, embora apresentem traços de literalidade e ecolalia, enquanto Autis se comunica por meio de gestos e frases curtas. Todos os personagens demonstram estereotípias e sensibilidade sensorial. As séries, em conjunto, ilustram aspectos como resiliência, apoio social e diversidade entre os sujeitos autistas. Essas narrativas contribuem para a compreensão de que a inclusão de pessoas autistas é uma responsabilidade coletiva, que exige acessibilidade, respeito à diferença e valorização da diversidade.

Palavra-chave: representações do autismo; personagens autistas; narrativas inclusivas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em comunicação pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: adriana15jor@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (2011), com período sanduíche na Universidade de Leeds, Inglaterra. Atua como Professora Associada na Universidade Federal de Sergipe (UFS), e desenvolve pesquisas nas áreas de Estudos de Recepção e Comunicação em Saúde. E-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br.

Este artigo apresenta uma discussão comparativa da representação de três personagens autistas — Autis da série *Eu sou Autis*, Woo Young Woo de *Uma advogada extraordinária* e Sam Gardner de *Atypical* — com base na abordagem de análise de conteúdo. A partir dos dados emergentes dos episódios das respectivas séries, foram construídas categorias que ilustram as características de cada personagem. Também foi utilizada uma análise estatística descritiva, com apresentação de percentuais para complementar a interpretação dos resultados.

A partir de uma observação sistemática das cenas protagonizadas por esses personagens, foram construídas categorias de análise com base em três eixos principais — **interação social, comunicação e comportamento** — em consonância com os critérios diagnósticos do DSM-5, que define o TEA por déficits persistentes na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses ((Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014).

Além de descrever as características e frequências de comportamentos dos personagens em cada eixo, este artigo confronta criticamente os achados teóricos, que permitem verificar convergências e divergências entre as representações ficcionais e os conceitos da literatura: por exemplo, avaliar se as séries reforçam ou desafiam estereótipos estigmatizantes sobre o autismo no sentido de Goffman (1988) e em que medida adotam uma visão centrada na inclusão social em vez de apenas nos déficits individuais como propõe Oliver (1990). Buscou-se, assim, compreender até que ponto essas produções midiáticas contribuem para retratar o autismo de forma humanizada e inclusiva, ou se reproduzem estigmas e ideias simplificadas.

A representação das “deficiências” no audiovisual, especialmente no que se refere ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), não pode ser entendida apenas como o reflexo das características individuais dos personagens, mas como uma construção social mediada por estigmas e barreiras. Segundo Goffman (1988), o estigma é um atributo profundamente depreciativo, que reduz o indivíduo de uma pessoa completa a uma identidade diminuída perante a sociedade, moldando expectativas de aceitação ou rejeição. Oliver (1990), por sua vez, enfatiza que a exclusão de pessoas com “deficiência” não é provocada apenas pelas suas condições individuais, mas, sobretudo, pelas barreiras físicas, organizacionais e sociais que impedem sua participação plena.

Assim, ao analisar os protagonistas autistas nas séries *Atypical*, *Eu sou Autista* e *Uma Advogada Extraordinária*, foi necessário considerar não apenas as suas características pessoais, mas também o modo como os contextos sociais que os cercam podem reproduzir ou desconstruir estigmas.

Nos itens a seguir, discute-se cada eixo analítico separadamente, destacando as categorias identificadas e articulando com conceitos teóricos. Em seguida, sintetizam-se quais estereótipos sobre o autismo foram reforçados ou desafiados por cada personagem. Por fim, aprofunda-se a reflexão sobre os impactos sociais e culturais dessas representações – seja no imaginário social, nas famílias ou nas práticas de inclusão.

INTERAÇÃO SOCIAL

No eixo da interação social, analisou-se como cada personagem inicia conversas e interações, como responde às aproximações sociais de outros e qual a qualidade das relações interpessoais desenvolvidas ao longo da narrativa. A partir dos episódios, emergiram categorias como conexões interpessoais, iniciativas de socialização (ou independência social), práticas sociais dirigidas, socialização literal (baseada em assuntos restritos), dificuldade de engajamento social e traços associados a genialidade ou foco excepcional. A tabela a seguir resume a presença dessas categorias em cada série:

Tabela 01: Frequência das categorias da interação social dos personagens.

Categorias de Interação social	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Conexões interpessoais	20	42,55%	107	51,94%	102	37,91%
Socialização e independência	-	-	-	-	56	20, 82%
Práticas sociais dirigidas	-	-	-	-	61	22, 68%
Socialização literal e assunto específico	-	-	48	23,30%	51	17,40%
Dificuldade de engajamento social	-	-	26	12,62%	23	8, 55%
Genialidade e foco excepcional	-	-	25	12,14%	-	-
Mediação por atividades	19	40,43%	-	-	-	-
Percepções e imaginação	8	17,02%	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Todos os personagens estabeleceram conexões interpessoais, contrariando o estereótipo do “autista isolado”. Sam busca autonomia com uma rede de apoio; Woo, mesmo com literalidade, cria vínculos no ambiente jurídico; Autista interage de forma lúdica com os amigos. A socialização literal e assunto específico foi especialmente marcante em Woo e Sam, enquanto Autista teve destaque na imaginação compartilhada com mediação

dos colegas. Apenas Woo apresentou traços de genialidade associados ao estereótipo do “autista brilhante”.

Nos três casos, observa-se que as séries não reduzem os personagens ao diagnóstico ou a um rótulo único: todos têm personalidade própria, com qualidades e defeitos individuais. Isso reflete um passo importante para afastar a identidade estigmatizada no sentido goffmaniano – em vez de personagens “*spoilers*” socialmente desacreditados por serem autistas, temos personagens íntegros, cuja condição é apenas um aspecto dentre muitos.

Cabe ainda destacar que a categoria “conexões interpessoais” – indicativa de vínculos afetivos e empatia – foi a mais frequente nos três protagonistas, superando categorias negativas. Esse resultado quantitativo reflete um esforço consciente das produções em desafiar o estigma da insociabilidade atribuída ao TEA. Conforme Goffman (1988), o estigma ocorre quando certas características levam a sociedade a ver a pessoa como “menos íntegra” ou “menos humana”. Ao enfatizarem repetidamente que Sam, Woo e Autis amam, sofrem, cuidam e são cuidados, as séries reivindicam para esses sujeitos autistas o *status* de pessoas plenas em afeto e sociabilidade – em suma, pessoas “íntegras” que pertencem ao tecido social. Essa abordagem humanizadora está alinhada com movimentos recentes de conscientização que promovem a neurodiversidade, mostrando que indivíduos autistas podem se conectar e contribuir socialmente, ainda que às vezes de modos diferentes dos neurotípicos.

COMUNICAÇÃO

O segundo eixo de análise, comunicação, abrange tanto as formas verbais quanto não verbais utilizadas pelos personagens para expressar pensamentos, emoções e intenções. Avaliaram-se a clareza e coerência de sua fala, a efetividade em transmitir mensagens e os obstáculos enfrentados nesse processo – por exemplo, necessidade de apoio de terceiros, uso de estratégias alternativas ou barreiras sensoriais. Das cenas examinadas, emergiram categorias como comunicação mediada, comunicação clara e direta, comunicação não verbal (gestos, expressões), uso de frases curtas, desafios comunicativos (como ecolalia, sobrecarga sensorial) e criatividade na comunicação. A distribuição dessas categorias variou consideravelmente entre os personagens, indicando diferentes perfis comunicativos:

Tabela 02: Frequência das categorias de comunicação dos personagens

Categorias Comunicação	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Comunicação mediada	14	5,81%	39	28,89%	89	56,33%
Comunicação clara e direta	-	-	47	34,81%	69	43,67%
Comunicação direta e frases curtas	193	80,08%	-	-	-	-
Desafios da comunicação	-	-	31	22,96%	-	-
Criatividade na comunicação	-	-	18	13,33%	-	-
Comunicação não verbal	34	14,11%	-	-		

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Sam e Woo se comunicam com clareza e literalidade, demonstrando habilidades verbais desenvolvidas, ainda que com traços como ecolalia (Woo) ou dificuldade pragmática (Sam). Autis apresenta comunicação não verbal e uso de frases curtas, representando o nível de suporte mais moderado. A mediação social foi fundamental em todos os casos, demonstrando a importância do contexto responsivo. Woo ainda se destacou pela criatividade comunicativa, desafiando o estereótipo da linguagem rígida.

Em síntese, no eixo da comunicação, as três séries destacam que comunicar-se é um desafio, mas não um impedimento intransponível para pessoas autistas. Há esforços contínuos de mediação e adaptação (pelos outros e pelos próprios protagonistas) para que a comunicação aconteça. Isso traz implicações sociais relevantes: fica evidente para o espectador que a inclusão comunicativa requer parceria – familiares, amigos, colegas precisam estar dispostos a ajustar modos de diálogo, mas os personagens autistas também se esforçam para serem compreendidos. Essa via de mão dupla reforça a mensagem inclusiva central: a comunicação bem-sucedida é possível quando há acolhimento, desafiando o estigma de que “autistas vivem em um mundo inacessível”. Ao contrário, essas obras mostram que o mundo deles é acessível se os demais abrirem algumas portas.

COMPORTAMENTO

No terceiro eixo, comportamento, analisaram-se os padrões de conduta repetitivos ou incomuns, as respostas a estímulos sensoriais e a capacidade de adaptação às mudanças demonstradas pelos personagens. Entre as principais categorias identificadas nesta dimensão estão: comportamentos autoestimulantes (estereotípias físicas ou verbais), resistência a mudanças (rigidez e necessidade de rotina), hipersensibilidades sensoriais (a sons, luzes, sabores, toques), resiliência e adaptação a situações novas e eventuais

dificuldades motoras. As séries exploram esses aspectos para diferentes efeitos narrativos, mas todas mantêm um equilíbrio entre mostrar algumas características típicas do autismo e, ao mesmo tempo, desenvolver os personagens além desses comportamentos. A seguir, discutimos cada categoria de destaque:

Tabela 03: Frequência das categorias do comportamento dos personagens.

Categorias do Comportamento	AUTS (N/%)		WOO (N/%)		SAM (N/%)	
Comportamento autoestimulante	25	51,02%	35	27,13%	30	13,89%
Resistencia a mudanças	06	12,24%	13	10,88%	36	16,67%
Sensibilidade a sonora, sabores, toques e luzes	-	-	-	-	47	21,76%
Sensibilidade a sonora, sabores, visual e toques	-	-	36	27,91%	-	-
Sensibilidade sonora e tátil	08	16,33%	-	-	-	-
Resiliência	08	16,33%	45	34,88%	79	36,57%
Déficits motores	02	4,08%				

Fonte: Elaborada pelas autoras.

As três séries representaram estereotípias, resistência à mudança e sensibilidade sensorial, elementos “típicos” do TEA. Sam e Woo mostraram forte resiliência e capacidade adaptativa com apoio social, enquanto Autis revelou déficits motores leves e grande dependência da mediação dos amigos. Todas as produções buscaram contextualizar esses comportamentos, evitando representações caricaturais.

Em síntese, no eixo comportamental, as séries retratam os sintomas comportamentais do autismo de forma bem contextualizado, cuidando para não reduzir os personagens a um amontoado de comportamentos ditos como “estranhos”. Elementos como estereotípias, crises sensoriais e rigidez são apresentados como parte da vida do personagem – às vezes gerando conflitos –, mas equilibrados com momentos em que vemos a pessoa além do sintoma (em interação, se divertindo, solucionando problemas). Isso fornece ao público uma visão equilibrada: nem ignoram os desafios (o que seria romantização irreal), nem tornam esses desafios a única coisa memorável sobre os protagonistas (o que seria estigmatizante). De fato, como nota Lima (2019), a mídia tem um papel formador ao difundir representações e significados, nesses casos, as séries constroem uma imagem do autismo que inclui dificuldades e potencialidades, permitindo que a audiência amplie seu imaginário sobre o TEA para além de estereótipos.

ESTEREÓTIPOS REFORÇADOS E DESAFIADOS POR CADA SÉRIE

Os estereótipos disseminados pelo senso comum compreendem ideias reducionistas como a ausência de empatia, o isolamento social absoluto, a genialidade inata ou a comunicação completamente comprometida. A seguir, apresentamos de forma sistemática os principais estereótipos identificados na literatura popular sobre autismo e indicamos como cada personagem/série os tratou, seja reforçando-os (isto é, retratando de maneira consistente com o clichê) ou desafiando-os (apresentando algo que contradiz ou complexifica a ideia estereotipada).

As séries aqui analisadas destacaram alguns elementos de ruptura de estereótipos como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 04: Estereótipos reforçados nas três séries

Personagem	Genialidade	Literalidade	Autoestimulante	Sensibilidade
Woo Young Woo	Sim	Sim	Sim	Sim
Sam	Não	Sim	Sim	Sim
Auts	Não	Pouco	Sim	Sim

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 05: Estereótipos desafiados nas séries

Personagem	Apoio Social	Empatia	Isolamento Social	Imaginação compartilhada	Comunicação Não Verbal
Woo Young Woo	Sim	Sim	Não	Sim	Não (comunicação clara e direta)
Sam	Sim	Sim	Às vezes	Não	Não (comunicação clara e direta)
Auts	Sim	Sim	Não	Sim	Sim

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A análise revelou avanços relevantes, como a valorização da empatia, a quebra do mito da insociabilidade e a inclusão de uma protagonista mulher. Contudo, o estereótipo do “autista genial” ainda aparece em Woo. A presença de redes de apoio foi central na construção das trajetórias dos personagens.

Considerando os aspectos discutidos, constata-se que as três produções contribuem, em diferentes culturas, para a desconstrução de estereótipos e para a ampliação da representação do autismo na mídia. Ainda que alguns clichês persistam – como a figura do “autista genial” ou a centralidade em personagens masculinos –, essas obras oferecem

narrativas mais complexas, diversas e humanizadas, promovendo uma compreensão ampliada do TEA.

Entretanto, as diferentes formas de representação dos personagens autistas nessas séries contribuem tanto para a ampliação do entendimento social sobre o espectro, quanto para a construção de novos estereótipos. A visibilidade de personagens autistas bem-sucedidos profissionalmente pode estimular políticas de inclusão no mercado de trabalho, mas também pode gerar pressões para que todas as pessoas autistas se adaptem a esse padrão. Por outro lado, ao mostrar personagens que necessitam de apoio constante, as séries colaboram para uma visão mais realista da diversidade do espectro, favorecendo o respeito às necessidades individuais e à inclusão escolar e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa das séries *Atypical*, *Eu Sou Aut* e *Uma Advogada Extraordinária* revela amplitude na representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na mídia. Utilizando os critérios do DSM-5 (interação social, comunicação e comportamento), o estudo identificou que as produções oferecem personagens autistas mais complexos, humanos e inseridos em redes de apoio, rompendo com representações caricatas do passado.

Entre os principais pontos convergentes está a visibilidade de protagonistas autistas capazes de formar vínculos afetivos, se comunicar (ainda que com mediações) e demonstrar resiliência diante dos desafios. Essa abordagem se alinha ao modelo social da deficiência, enfatizando que a inclusão depende da relação entre o sujeito e o ambiente, e não apenas de suas características individuais.

As séries também demonstram um equilíbrio entre dificuldades e conquistas, evitando tanto a romantização quanto a estigmatização do autismo. Woo representa a entrada no mercado de trabalho, Sam os conflitos da adolescência e da autonomia, enquanto *Aut* traz a perspectiva da infância e da inclusão precoce.

Ainda assim, alguns estereótipos persistem, como a figura do “autista genial” ou a exigência de desempenho excepcional como critério para aceitação social. Isso aponta para a necessidade de representações que valorizem a diversidade do espectro, incluindo pessoas autistas com diferentes níveis de suporte, origens e habilidades.

As produções analisadas contribuem para a humanização do TEA e para a construção de um imaginário social mais empático e informado sobre a neurodiversidade. No entanto, o estudo reconhece como limitação o foco em apenas três séries, sugerindo que futuras mais produções audiovisuais incluam a escuta de pessoas autistas de diferentes níveis de suporte, gêneros e classe sociais e seus familiares, cuidadores para refletir os impactos dessas representações.

Referências

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-58.

GOFFMAN, Erving. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert 4ª ed. LTC, 1988, 158 p.

LIMA, Maria Karuline. **Atypical: uma análise da série centralizada no personagem Sam Gardner**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 01., 2019, Teresina. Anais [...] Teresina: Centro Universitário Santo Agostinho, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/cbcs/cbcs-2019/trabalhos/atypicaluma-analise-da-serie-centralizada-no-personagem-sam-gardner?lang=pt-br>. Acesso em: 24 set. 2023.

OLIVER, Michael. **The politics of disablement**. London: Macmillan Education, 1990.